

## Artigo

### **Sobre a enunciação de mulheres negras na ciência: uma análise da produção intelectual de Gloria Anzaldúa e bell hooks**

Tayane Rogéria Lino

Núcleo Conexões do Saberes – Universidade Federal de Minas Gerais

Claudia Mayorga

Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** O artigo investiga a fala/silêncio de mulheres negras na ciência moderna. Tendo como objetivo estabelecer uma discussão em torno do complexo debate acerca do lócus enunciativo das mulheres neste campo. As mulheres negras, no contemporâneo, são, rapidamente e repetidamente, nomeadas como subalternas. Mas o que acontece, quando as mulheres negras se tornam acadêmicas, teóricas e/ou pesquisadoras, elas continuam sendo reconhecidas como subalternas? Qual a relação entre subalternidade e produção científica? No caminho para respostas foram analisadas as trajetórias das intelectuais bell hooks e Gloria Anzaldúa. Tendo como aporte teórico o campo dos estudos subalternos e as teorias feministas, questionou-se sobre estes novos sujeitos da produção científica. As análises apontaram que as teóricas estudadas buscam novas estratégias epistemológicas, estabelecem um diálogo crítico com distintas correntes do pensamento, a fim de explicitar as redes de poder que invisibilizam a aparente objetividade do conhecimento científico. Assim, elas transitam entre o silêncio e a fala, entre a ausência de uma produção audível e a denúncia de uma história invisível numa ciência imperialista.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Ciência. Subalternidade. Bell hooks. Gloria Anzaldúa.

### **On the enunciation of black women in science: an analysis of the intellectual production of Gloria Anzaldúa and bell hooks**

**Abstract:** The article seeks to investigate the speech / silence of black women in science. Black women, in the contemporary, are quickly and repeatedly named as subordinates. Aiming to establish a discussion around the complex debate about the enunciative locus of women in this field. Black women, in the contemporary, are quickly and repeatedly named as subordinates. But what happens, when black women become academics, theorists and/or researchers, they continue to be recognized as subordinates? What is the relationship between subordination and scientific production? On the way to answering and developing new questions, the trajectories of the intellectual bell hooks and Gloria Anzaldúa were analyzed. With the theoretical contribution of subordinate studies and feminist theories, it is questioned about these new subjects of scientific production. The analyzes revealed that the studied theoreticians search for new epistemological strategies, establish a critical dialogue with different currents of thought to explain the power networks which make the apparent objectivity of scientific knowledge invisible. Thus, they move between silence and speech, between the absence of an audible production and the denunciation of an invisible history in an imperialist science.

**Keywords:** Black Women. Science. Subalternity. Bell hooks. Gloria Anzaldúa.

Neste artigo optamos por falar de algumas mulheres. Mulheres negras, mestiças, lésbicas, *trans*, latino-americanas, de origem popular, migrantes que só existem se vistas a partir de um olhar fronteiro (ANZALDÚA, 1987). Estas que na modernidade são, rápida e repetidamente, nomeadas como subalternas, assujeitadas, oprimidas e etc. Mas e se as características supracitadas incluirmos mais algumas - acadêmicas, professoras universitárias, pesquisadoras – continuamos enxergando-as como subalternas? O que as tornam ou não subalternas? Quem é subalterno? Quem nomeia quem de subalterno? Nestes termos o objetivo é estabelecer uma discussão em torno do complexo debate acerca do *locus* enunciativo do sujeito subalterno na vida social contemporânea, principalmente, no campo científico.

No caminho para algumas respostas e no desenvolvimento de novas perguntas, foram analisadas as trajetórias das intelectuais bell hooks<sup>16</sup> e Gloria Anzaldúa a partir das reflexões sobre subalternidade e sobre a ciência. Ancorando-nos, mais especificamente, nas contribuições teóricas-explicativas de Gayatri Spivak em ‘Can the subaltern speak?’. Como o título sugere, a diaspórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak, trata da possibilidade de fala do subalterno, em outras palavras o que de fato interessa a ela é a discussão quanto ao *locus* enunciativo do subalterno no campo científico<sup>17</sup>. Esse campo teórico apresentou-se como uma importante contribuição tanto para o campo científico quanto para este trabalho, pois traz o “outro” para a cena, o não falante, o silenciado, o que sempre ocupou o lugar de sujeito na ciência e, poucas vezes, o de sujeito da ciência.

Ao nos depararmos com a sua obra, logo uma questão se fez presente, para além da clássica quem é subalterno? qual a concepção de subalternidade da autora? Inspirada nas teorizações de Gramsci, o termo subalterno, nas palavras da autora, se refere aos “sujeitos pertencentes às camadas menos abastadas da sociedade, estas tem extirpada a possibilidade de representatividade política e social e a possibilidade de se tornarem integrantes plenos do estrato social dominante” (ALMEIDA, 2010, p.12). Os subalternos são, assim, grupos marginalizados que não possuem voz nem mesmo representatividade (FIGUEIREDO, 2010). Trata-se de atributos

---

<sup>16</sup> Em 1978, bell hooks lançou uma coleção de poemas, em forma de livro, intitulado *And There We Wept*. Esta foi a primeira vez em que Gloria Jean Watkins adotou o nome de bell hooks. Nestes termos bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins. O pseudônimo que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. Grafado em letras minúsculas função é indicar a importância do texto e não a biografia do autor.

<sup>17</sup> O Campo científico é abordado neste estudo como o resultado de disputas entre agentes e posições por capital simbólico por legitimidade e reconhecimento como produtores de verdades. Nos termos bourdieunianos a pose de capital nesta proposta resulta em autoridade intelectual e científica. A ciência é entendida como produto do meio social, assim sendo envolve relações de poder e interesse. O que explicita a neutralidade e combate a ideia de que a ciência é um espaço para todos e todas. Esta afirmação tem como pano de fundo o reconhecimento de que o campo científico não é um espaço de “concorrência perfeita”, mas sim, um *locus* em que as desigualdades se fazem presentes.

que determinam a subordinação de alguns no meio social. Spivak (2010) apresenta as mulheres, principalmente as negras e pobres, como expressões típicas da subalternidade.

Para Spivak (2010) o uso do termo subalterno/subalterna não é apenas um sinônimo para oprimidos. Em sua proposição teórica, o subalterno é aquele que tem limitado ou nenhum acesso às instâncias de fala, resultado de um imperialismo cultural. Gayatri Spivak sugere que ao subalterno/subalterna é negado o acesso a ambas as formas miméticas e política de representação. A autora afirma que o subalterno descreve "as camadas inferiores da sociedade constituída por modos específicos de exclusão de mercados, político-legal de representação, e a possibilidade de adesão plena em estratos sociais dominantes"<sup>18</sup> (SPIVAK, 2000, xx).

Os subalternos são, nas proposições de Spivak, todos aqueles que não participam, ou que participam de modo muito limitado. São sujeitos mudos pelo imperialismo cultural e a violência epistemológica, sendo a mulher subalterna, nesse sentido, duplamente colocada na sombra. Desse modo, ao dizer que esse subalterno não pode falar, Spivak (2010) não afirma necessariamente que não haja 'clamor' ou protesto, mas que não chega a se estabelecer uma relação dialógica, ou melhor, não há um trânsito da voz entre falante e ouvinte, não há enunciação.

### **Pode a subalterna falar?**

As inquietantes reflexões de Gayatri Spivak sobre a (im)possibilidade de fala dos/das subalternos/as formam uma trama de sentidos que, em muito, tem a ver com o objeto de reflexão deste artigo, mulheres que produzem na ciência. Por este motivo, me proponho aqui a trazer as principais ideias apresentadas por ela no texto 'Can the subaltern speak?', publicado em 1988 e recentemente traduzido para o português por Sandra Almeida, Marcos Feitosa e André Feitosa (2010).

Para a autora o subalterno não é visto como um sinônimo direto para o oprimido "mas como representação aos que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente" (FIGUEIREDO, 2010, p.85), assim o subalterno é aquele que tem a fala impedida de reconhecimento.

Spivak (2010) traz para o centro da discussão a produção intelectual não hegemônica que tem sido produzida no interior da academia. Reconhece "a quase" inexistência da possibilidade de um potencial contra-hegemônico e mostra-se disposta, ainda que sem uma saída explícita, a aventurar-se na busca de uma "outra ciência", uma ciência contra-hegemônica (VERÇOZA, 2012). Reflete sobre a supremacia masculina na produção científica colonial. Discorre sobre o silêncio das mulheres, enfatizando que a 'mudez' feminina – termo usado pela autora – configura-se na

---

<sup>18</sup> Tradução nossa.

necessidade do reposicionamento das mulheres no espaço social, dizendo da importância do exercício de fala. Spivak (2010) conclui que o subalterno não pode falar, e que a posição da mulher subalterna é ainda mais grave.

Uma vez posta à margem da sociedade no contexto da produção colonial em que o homem é o dominante, a mulher subalterna não tem história e não pode falar, sendo colocada às sombras. A pesquisadora afirma que tal reflexão sobre a mulher não pode ser reduzida a uma mera questão idealista, uma vez que ignorar o debate acerca da mulher subalterna seria um gesto apolítico que, ao longo da história, tem perpetuado o radicalismo masculino (FIGUEIREDO, 2010, p.87).

O que está em jogo nas proposições de Spivak é o que é tido como verdade, e quem teve que perder a voz para que as verdades se tornassem a verdade. A autora propõe uma releitura sobre o que é tido como verdade ao transportar esse debate para outro lugar: a capacidade do subalterno de representar-se (FIGUEIREDO, 2009).

Spivak (2010) se lança em busca da pergunta tema de seu texto por diversas vezes, em um movimento de crítica às teorias e teóricos que vão falar pelo subalterno e com o subalterno, mas nunca irão constituir algum espaço para que o subalterno fale. Afirma que produções deste tipo estão pactuando um modelo hegemônico de ciência e com um projeto imperialista de sociedade. E o faz ao realizar críticas a Foucault, ancorada em uma forte influência de Derrida, “Spivak aponta a “violência epistêmica” à que a ciência, aquela mesma que Foucault crítica, submeteu os saberes gestados fora de seus cânones e, assim, os sujeitos produtores desses saberes” (PELÚCIO, 2012, p.402). Violência está, cuja tática de neutralização do Outro, seja ele/ela subalterno/subalterna ou colonizado/colonizado, consiste em invisibilizá-lo/a, expropriando-o/a de qualquer possibilidade de representação, silenciando-o. Igual erro incorreu Foucault em suas teorizações sobre os saberes sujeitados, reproduzindo a mesma lógica imperialista e eurocentrada, tão questionada e contestada pelos estudiosos pós-coloniais.

Nestes termos ao refletir sobre as mulheres como um sujeito subalterno, Spivak (2010) explicita a marginalidade destas, como na cena científica colonial, que segundo ela e em consonância com muitas teóricas feministas, é dominado pelo masculino. A autora não aponta caminhos para que as mulheres libertem-se do estigma da subordinação, sendo intensamente crítica, sob justificativa da impossibilidade de mudança social e a incoerência entre seu lugar social e sua produção intelectual. Spivak (2010) conclui seu texto afirmando:

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à mulher como um item respeitoso nas listas de prioridade global. A representação não definiu. A mulher intelectual como intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (p.126).

Sandra Almeida (2010), ao discorrer sobre a conclusão a que Spivak (2010) chega em sua obra, considera que a autora vai além de uma resposta rápida e objetiva. Para ela, sua conclusão

“refere-se ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a)” (p.26).

Poderíamos dizer que, a despeito das proposições de Spivak, alguns subalternos têm falado, em uma relação, ainda que complexa, de fala e escuta. Que as mulheres estão cada vez mais presentes no cenário científico e têm problematizado a ausência de outras ou a inclusão secundarizada das presentes. Mas, Gayatri Spivak certamente argumentaria que estas deixaram o lugar subalterno quando angariaram lugar na produção teórica e nos espaços institucionais de poder intelectual. Parafraseando a autora, o “subalterno é sempre aquele que não pode falar, pois, se o fizer, já não o é” (SPIVAK, 2010, p.12). Então, nos propomos a deixar esta pergunta “em aberto”, ou melhor, transformar esta pergunta em um dos porquês da análise aqui proposta. As teóricas por mim investigadas falam? Se consideram subalternas? Falam a partir do lugar de subalternidade? São ouvidas? Como fazem isso a partir da produção acadêmica/científica?

Assim, nas suas proposições, a condição subalterna é o silêncio. O/a subalterno/subalterna, nestes termos, são aqueles que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente. O subalterno carece, fundamentalmente, de alguém que o represente por sua condição de silenciado (FIGUEIREDO, 2010). Para Spivak, há uma relação direta entre falar por e representar, onde ambos podem cair no vazio da invisibilidade do subalterno. Ambas exigem um falante e um ouvinte, o que caracterizaria um diálogo. Para a autora, este espaço dialógico não existe para o subalterno, que termina invariavelmente no silêncio, ou melhor, na surdez do outro. Ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de criar, por parte dos intelectuais, formas de deixar os subalternos se fazerem ouvir.

Se a condição de subalternidade é o silêncio, silêncio este que exclui a possibilidade de auto-representação dos sujeitos e exige que este sejam representados por outrem, a afirmativa nos conduz novamente para a instigante pergunta da autora: Pode o subalterno angariar o lugar de fala? (FIGUEIREDO, 2010). Alguns diriam que tenho uma leitura muito otimista da resposta dada por Spivak, mas, se associada ao grupo teórico em que ela compõe a fala, a minha leitura ‘é menos romantizada: a fala só é possível, a partir do momento em que propormos, tal como ela faz, a produção – científica, política, social e econômica - de uma história em que a narrativa da “verdade dos subalternos” esteja em foco.

O certo, é que a possível maneira de colocar o subalterno para falar não é “doando-lhe voz”, ou falando por ele, mas permitir espaço para que ele se expresse de forma espontânea.

**Não sou eu uma mulher? : Gloria Jean Watkins - bell hooks**

Bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, nasceu em 25 de setembro de 1952, em Hopkinsville – Kentucky nos Estados Unidos da América. De família numerosa, pai, mãe, cinco irmãs e um irmão, Gloria viveu a infância e a adolescência em uma comunidade segregada do sul-americano (hooks, 2014). Rosa Bell Watkins era uma mãe e uma dona-de-casa que passava a maior parte do tempo envolvida com os afazeres domésticos e com o cuidado dos sete filhos, e de modo ocasional, trabalhava fora a fim de aumentar a renda da família (hooks, 1995). Veodis Watkins, seu pai foi vigia nos correios da cidade, e recebia inicialmente um salário menor que o dos brancos na mesma função. Veodis estava exposto ao racismo institucional em uma divisão salarial injusta assim como o racismo cotidiano (CLÍMACO, 2009).

Segundo Clímaco (2009), a família Watkins era um exemplo de família nuclear negra bem sucedida, argumento utilizado por Rosa nos momentos de conflito familiar e revolta dos filhos com a figura paterna, distante e violenta. Como numa permuta a Sra. Watkins lembrava aos filhos que o pai foi um homem corajoso e dedicado por aguentar as péssimas condições de trabalho, em grande medida pela vivência do racismo, para sustentar a família, o que o deixava agitado e constantemente nervoso. Seu pai representava a opressão feroz que mais tarde Gloria iria associar às consequências do patriarcado (CLÍMACO, 2009).

Hooks (1989) viu na leitura e na escrita a possibilidade de escapar de uma tumultuada vida em família. Gloria Watkins desenvolveu um amor pela palavra, que parecia ter um poder curativo, e permitia que ela se tornasse sujeito, mesmo que em um silêncio da voz falada, através da leitura e da escrita, desenvolveu um pensamento crítico que lhe foi bastante negado no espaço familiar (hooks, 1995).

Bell hooks iniciou sua carreira literária aos dezenove anos ao escrever a coletânea de poemas intitulada *And There We Wept: Poems*, no que trabalhou durante anos, e em 1978 publicou, enquanto ainda estudante de graduação na Universidade de Stanford (hooks, 1978). Esta coleção de poemas foi a primeira vez em que Gloria Jean Watkins adotou o pseudônimo de bell hooks. Gloria escolheu assinar suas obras em uma homenagem à sua avó, Bell Hooks (1989). Para hooks (1989), Gloria não poderia ser uma escritora, principalmente de livros feministas, ela havia aprendido durante toda a sua infância a ficar em silêncio, a parecer inteligente, mas não muito, pois poderia ser castigada em contrapartida, bell hooks "poderia escrever livros feministas e ter uma voz" (hooks, 1989, p. 162), ela podia ser livre.

Segundo Ribeiro (2013) Gloria Jean Watkins tornou-se bell hooks a fim de rebelar-se contra injustiças sociais e familiares, travando uma luta contra as opressões as quais as mulheres negras são submetidas. O pseudônimo de sua avó resulta na criação de um outro ligado a suas antepassadas, que desafiaram a sociedade por sua necessidade de conseguir falar. O seu nome é

uma forma de resgatar sua história e a autoridade espiritual de algumas mulheres em sua comunidade. Esta parece ter sido mais uma maneira de reconhecer a contribuição de "suas mulheres" na própria história e na história de outras mulheres negras (hooks, 1993).

O pseudônimo é grafado em letras minúsculas, primeiramente para distinguir bell hooks de sua avó Bell Hooks, e em segundo lugar, para indicar a importância do texto e não da biografia da autora ou do autor. Em outras palavras, hooks "(...) assina suas obras em minúsculo e requer suas referências tal e qual, com o argumento de que ela mesma não se reduz a um nome e seus textos não devem ser lidos em função deste nome" (PINTO, 2008, p.2)

No que se refere a sua formação acadêmica, hooks graduou-se em inglês em 1973 na Universidade de Stanford. Depois de receber seu diploma de bacharel, hooks deu continuidade aos seus estudos na Universidade de Wisconsin em Madison onde tornou-se mestre em inglês no ano de 1976. Em 1983 concluiu seu doutoramento também em inglês na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, após a defesa da tese sobre o escritor romancista Toni Morrison (BEREA COLLEGE, 2013).

Durante todo o seu percurso de graduação acadêmica, hooks lecionou inglês, literatura, estudos afro-americanos, estudos de Literatura Americana, Estudos da Mulher, entre outras, em diferentes instituições ao longo da Costa Oeste, na Universidade da Sul da Califórnia, na Universidade de São Francisco, faculdades, na Universidade de Yale, no Oberlin College (hooks, 1995).

Hooks apresenta, em suas obras, diálogos com diversos pensadores latino-americanos e africanos como o revolucionário ganês Kwame Nkrumah, o guineense Amílcar Cabral, o teólogo da libertação peruano Gustavo Gutiérrez e o pedagogo brasileiro Paulo Freire (CLÍMACO, 2009). O que pode evidenciar que ela não apenas produz sujeitos fora do centro intelectual contemporâneo, mas também interage com eles em suas produções.

Hooks dedicou esforços na investigação da participação de mulheres negras afro-americanas no movimento feminista *mainstream*, o que resultou em vários livros e capítulos de livros como, por exemplo: *Ain't I a Woman?: Black Women and Feminism*, *Feminist Theory: From Margin to Center*<sup>19</sup>, e *Feminism is for Everybody: Passionate Politics*. Provocada pela percepção da ausência de mulheres de cor nos estudos das mulheres, hooks (1981) desenvolve um estudo onde afirma que o que se desenhava no âmbito do Movimento Feminista era a pouca participação de mulheres não brancas em seu âmbito político e científico. É certo que esta não foi uma constatação nova, outras influentes autoras de cor como Audre Lord, Angela Davis e Gloria Anzaldúa (CLÍMACO, 2009) denunciaram a dominância das mulheres brancas no movimento feminista, o que resultava em uma

---

<sup>19</sup> Teoria Feminista: De Margem ao Centro (1984). (Tradução Nossa)

concentração de esforços, principalmente, sobre a situação do grupo de brancos. A sua contribuição neste tema foi à afirmativa de que as mulheres brancas das classes alta e média que integravam o Movimento Feminista tinham pouca ou nenhuma preocupação com as questões referentes às mulheres de cor (hooks, 1981). Ela afirma a importância do ativismo das donas de casa brancas, mas pondera que a maior parte das mulheres estadunidenses lutava por questões mais urgentes do que a carreira e oportunidades de emprego iguais entre homens e mulheres. As mulheres negras e pobres lutavam, entre outras questões, por sobrevivência econômica e contra a discriminação étnica e racial (hooks, 1984).

Hooks (1984) investiga as opressões sob as quais as mulheres de cor têm sofrido desde a escravidão. Para ela, a dominação é a raiz do racismo, classismo e sexismo. Afirma, ainda, que o feminismo tradicional está interessado em levantar apenas as mulheres brancas até o nível dos homens brancos (hooks, 1984). Interessa-se, também, pelo impacto das estruturas sociais sexistas e racistas sobre a própria história e sobre a história das mulheres negras e identifica uma rede de capitalismo, o patriarcado, e ideologias de supremacia branca que se apoiam (hooks, 1981). Vale ressaltar que bell hooks (1989) combina sua experiência pessoal de uma mulher americana negra do sul com as teorias feministas e que sua análise não descarta as perspectivas feministas, ao contrário, mostra como pode ser útil para avaliar a posição entre mulheres na sociedade americana. Mas enfatiza a diferença que marca a participação de mulheres negras e mulheres brancas na construção de demandas políticas no Movimento Feminista, ela examina, também, a relação de apatia que muitas feministas brancas demonstravam ao tratar as questões de raça de forma interseccional com as questões de gênero. De acordo com hooks, a igualdade real só pode ser adquirida se o sistema hierárquico for derrubado.

Por acreditar que o sistema educacional perpetua e corrobora para o sistema hierárquico social, hooks (1994) torna a educação outro foco de interesse durante seu percurso acadêmico-político. E é quando escreve *Teaching to Transgress: Education As the Practice of Freedom* onde afirma que a verdadeira liberdade só pode ser obtida com um sistema de ensino gratuito e de qualidade. E argumenta que, embora a dinâmica da sala de aula possa ser usada para estabelecer relações de subserviência à opressão das salas de aula, também pode ser usada de maneira transgressiva, a fim de criar um corpo emancipado e engajado de alunos e professores. O ensino é apresentado como pertencendo a um duplo: a socialização ou a emancipação. Nesta mesma direção do conhecimento como prática libertadora, hooks (1999) lança *Remembered Rapture: The Writer at Work* onde fala sobre os embaraços da escrita e da complexidade deste exercício para as mulheres negras e do direito ao espaço da escrita como um lugar de fala. Para tanto, discorre sobre sua origem sulista e de como aprendeu o poder da palavra escrita e da importância de falar o que pensa (hooks, 1999). Nesses

escritos fica marcada a sua paixão pelas palavras, ela celebra a alfabetização, as alegrias da leitura e da escrita, o poder duradouro do livro.

Na perspectiva de aliar prática acadêmica, prática política e social, bell hooks (1993) organizou um grupo de apoio para mulheres negras que nomeou de *Sisters of the Yam*, grupo este, que mais tarde, ela usou de inspiração para a escrita de um livro com o mesmo nome do grupo onde enfatizava a importância da irmandade entre mulheres negras. A irmandade e/ou solidariedade são temas recorrentes em suas produções. Para hooks (2005) a irmandade é uma categoria importante na produção de agenciamento e de transformação.

Em publicações mais recentes hooks (2004) se atenta à produção da masculinidade de homens negros. Os escritos versam em torno das relações de hooks com os homens que ela amou e/ou ama. A partir destes envolvimento, ela desenvolve análises em um horizonte histórico e político (CLÍMACO, 2009) além de investigar a relação entre a produção da masculinidade, o patriarcado e o machismo. Nestes escritos, ela afirma diferenças entre negros e brancos e aponta para a percepção de isolamento e carência de qualquer sentido de solidariedade de grupo.

Bell hooks se transformou em uma ativista social americana, feminista, escritora e intelectual. Suas produções têm abordado temáticas de gênero, raça, sexualidade, classe, o patriarcado, masculinidade de homens negros, ciência e feminismo, investigando o modo como estes fatores se relacionam para a perpetuação e produção de sistemas de opressão e dominação das mulheres. Ela examina as opressões sistemáticas a qual as mulheres negras estão submetidas em diferentes instâncias sociais com o objetivo de uma política libertadora. Hooks aborda, também, as tensões entre as mulheres negras e as mulheres brancas no movimento feminista e analisa a forma como os meios de comunicação e da cultura popular retratam os afro-americanos.

Bell hooks oscila entre diferentes formas e tons de escrita. Esta versatilidade é fruto de sua preocupação com a acessibilidade de sua escrita. Para ela, a sua escrita se destina a todos, o que exigiu dela tornar o seu trabalho acessível e inteligível para não acadêmicos ou intelectuais. Além disso, hooks passou a recitar poesias, dar palestras e ler seus textos em locais abertos e escrever para revistas tradicionais (hooks, 2000).

Consciente da injustificável restrição do mundo acadêmico e a partir de uma interpelação de uma normativa que regia a produção científica literária teve seus escritos marcados pela experiência, sendo esta uma categoria de análise. Com um acento ensaístico e biográfico publicou textos poéticos, religiosos, biográficos, sobre "pedagogia engajada" e para crianças. Atualmente publicou livros sobre o amor e a cultura da paz (CLÍMACO, 2009).

Atualmente bell hooks continua a lecionar na Berea College em Kentucky (BEREA COLLEGE, 2013). Embora tenha publicado de forma numerosa em revistas acadêmicas, escrito

livros traduzidos para diversos idiomas, sido professora em universidades de prestígio, e ainda hoje leciona, bell hooks nega o título de acadêmica, já que, para ela esta posição implica em uma restrição do pensar (CLÍMACO, 2009).

### **“La mestiza”: Gloria Evangelina Anzaldúa**

Gloria Evangelina Anzaldúa foi uma escritora e teórica cultural versátil. Publicou poesia, ensaios teóricos, contos, narrativas autobiográficas, entrevistas e antologias de vários gêneros (REES & PINTO, 2012). Foi uma das primeiras autoras norte-americanas, de origem mexicana, assumidamente lésbica. Teve considerável relevância na redefinição de identidades *chicanas*, lésbicas, negra, e *queer* e desempenhou um papel importante no desenvolvimento de um movimento feminista, no plural.

Feminista, lésbica, chicana<sup>20</sup> e de origem mestiça Gloria Evelina Anzaldúa nasceu em 26 de setembro de 1942, em Vale do Rio Grande, na zona rural do Texas, bem próxima à fronteira entre Estados Unidos e México, filha dos imigrantes mexicanos, Urbano e Amália Anzaldúa, Gloria era primogênita de quarto irmãos (DAHMS, 2012).

Durante a infância e adolescência, Gloria trabalhou, juntamente com os seus pais e irmãos, em lavouras do setor agrícola, especialmente com a coleta de algodão (Reuman & Anzaldúa, 2000). Anzaldúa cursou o ensino médio apesar do racismo, sexismo e outras formas de opressão que experimentou nas escolas texanas, concluiu seus estudos iniciais na Edinburg High School em 1962 (REUMAN & ANZALDÚA, 2000).

Conhecida por sua rebeldia e vontade própria, Gloria, por muitas vezes, se sentia restrita à cultura chicana que se impunha em sua casa e na vida tradicional de sua comunidade, principalmente no que se refere aos papéis de gênero, Anzaldúa descobriu a leitura (DAHMS, 2012). Ler se tornou o seu escape, os instantes no dia que era permitido ser o que desejava de si mesma (ANZALDÚA, 2000, 2004; DAHMS, 2012).

Sobre sua vida acadêmica, Gloria recebeu seu diploma em 1969 em Inglês pela *Pan American University*. Pós graduou-se em Inglês e Educação na *University of Texas at Austin*, no ano de 1972. No ano de 1988 iniciou-se no programa de Ph.D. em literatura na *University of California*, Santa Cruz, para a obtenção de um novo título, chegou a dar início à escrita de sua tese, que naquele momento foi intitulada *Lloronas-Women Who Weep: (Self)Representation and the Production of Writing, Knowledge, and Identity* onde discorria sobre a escrita, a produção de conhecimento, as identidades, assim como a resistência e agência dos sujeitos, mas não chegou a concluí-la (DAHMS, 2012).

---

<sup>20</sup> A expressão se refere a mistura entre a cultura mexicana e a norte-americana, muito característico da zona fronteira entre os Estados Unidos da América e o México.

Anzaldúa lecionou na pré-escola, em classes de educação especial e ensino médio, se manteve envolvida em programas de educação para os filhos dos trabalhadores migrantes. Também trabalhou com uma variedade de grupos políticos, incluindo trabalhadores rurais e organizações feministas. Além de uma grande variedade de alunos e alunas.

Gloria não se encaixava em estereótipos, tinha dificuldade de ser uma coisa só, a maneira única de ser vinha da multiplicidade de lugares onde estava. A ruptura com uma identidade fixa na vida se tornou combustível para a sua escrita. Anzaldúa se preocupou com a articulação de uma identidade "*mestiça*", uma identidade caracterizada por hibridismo, flexibilidade e pluralidade. O sentimento fronteiriço vivenciado na vida pessoal foi materializado em seus escritos através da publicação de *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza de Gloria Anzaldúa* (1987). Neste livro a autora caminha um pouco mais além das categorizações tradicionais e explicita a multiplicidade de jeitos de se identificar como mulher. Anzaldúa denuncia a binaridade da sociedade e amplia as fronteiras identitárias. Esta não é uma leitura fácil, exige do leitor ou da leitora o domínio de, no mínimo, dois idiomas, o inglês e o espanhol.

O direito à escrita foi bastante trabalhado por Anzaldúa, principalmente no que se refere à escrita de mulheres negras. Para ela, as letras são uma forma de expressão. Anzaldúa (2000) fala sobre os impedimentos da escrita para alguns, de forma literal e metafórica. De forma literal se atenta à dificuldade de algumas mulheres de lidarem com as letras, já que foram culturalmente criadas para não dominá-las, pois isso era tarefa masculina, era parte de um mundo restrito aos homens e negado às mulheres, o mundo público. De maneira metafórica ela diz da não compreensão da escrita destas mesmas mulheres, elas falam em línguas.

Gloria (1990) atentou-se para a relação entre racismo, gênero e militância, principalmente, no âmbito do movimento feminista. Assim, discorreu sobre a vivência do racismo no movimento feminista, mais uma vez de maneira bastante pessoal. O livro *Making Face, Making Soul/Haciendo Caras*, Anzaldúa (1990), demonstra ser um esforço em publicizar a fala de mulheres negras e exige que a fala resulte em escuta. Fica evidente o desejo de que a teoria feminista ande de mãos dadas com as distintas vivências de diferentes mulheres. Anzaldúa enfatiza a necessidade de construir teorias que permitam interpretar o mundo e que abarque toda sua complexidade para que todos e todas existam.

Durante toda sua vida como escritora deu muitas entrevistas, o que resultou na publicação de uma coletânea nos anos 2000 intitulada *Interviews/Entrevistas* (2002), em parceria com Ana Louise Keating. A coletânea incluiu entrevistas selecionadas do começo da década de 1980 até o final da década de 1990. Em *La prieta* assim como em outras de suas obras, Gloria Anzaldúa escreve sobre si, significa a própria identidade chicana, se encontra na fronteira entre lugares, desejos e posições.

Seu trabalho é múltiplo, apresenta publicações *mainstream*, revistas, entrevistas, poemas e livros. Os escritos de Gloria Anzaldúa transitam entre Inglês e Espanhol ao mesmo tempo, para convergi-los em um idioma. Para Anzaldúa é necessário viver na fronteira, ela não está falando de fronteiras intransponíveis, mas, justamente, do encontro de culturas e desejos que constituem cada um de nós como sujeitos únicos. Desta forma, sua narrativa literária expressa a luta contra hegemônica, segundo ela, limita as possibilidades de ser e de estar no mundo e, conseqüentemente, na ciência. Anzaldúa questiona estereótipos com base na raça, sexo, nacionalidade e orientação sexual.

Ela acreditava que a linguagem e a identidade são indissociáveis. Gloria deixa claro que a linguagem também é uma fronteira, transitando entre pontos de vista e até mesmo idiomas. Anzaldúa se expõe, explora as suas múltiplas identidades, tais como: a feminista, a lésbica e a Chicana (COSTA & ÁVILA, 2005). Entre as parcerias e influências estão Cherríe Moraga, Teresa de Lauretis, bell hooks, Patricia, Ana Castillo, Norma Alarcon, Audre Lorde, Aurora Levins Morales, Beverly Smith.

A multiplicidade de formas de escrita de Anzaldúa parece ser uma forma de falar para múltiplos ouvintes. Além de combater a ideia de que as mulheres não estão nas ciências, nas artes e na literatura. Com seus escritos contribuiu na dinâmica de poder para a legitimação da fala de mulheres negras.

Anzaldúa (1991) apresenta importantes contribuições para estudos de gênero, estudos de chicano, teoria *queer* e escrita criativa. Para Anzaldúa, foi a noção de fronteira que contribuiu para o pensamento *queer* e para o feminismo da diferença.

Costa (2004), ao discorrer sobre o reduzido número de traduções dos textos de Anzaldúa sugere que o silêncio sobre suas publicações exige que se caminhe para a reflexão:

(...) sobre a geopolítica da tradução e os sistemas de exclusão que, em suas múltiplas interseções com os outros eixos da diferença – gênero, raça, classe, orientação sexual, etc. –, selecionam os textos que receberão visto de entrada e aqueles que permanecerão do outro lado da fronteira, desqualificados (COSTA, 2004, p.14).

Esse pensamento reafirma a importância de uma investigação sobre as contribuições de Gloria para a ciência e para o pensamento feminista moderno.

### **Histórias de duas Intelectuais Negras: aproximações e distanciamentos**

Acadêmicas, intelectuais, escritoras e feministas bell hooks e Gloria Anzaldúa contribuíram ativamente para a crítica feminista ao modelo científico cartesiano, denunciaram as opressões vividas pelas mulheres nas universidades, tanto como docentes quanto discentes, se posicionaram

contra uma ciência que oculta o sujeito e propuseram um outro jeito de se produzir conhecimento científico relevante e comprometido com a sociedade. Enfim, gritam que a ciência é lugar de mulher, de mulher preta, de mulher lésbica, de mulher rural entre tantas outras.

Anzaldúa e hooks transformaram a escrita em um veículo para se alcançar a liberdade individual, para propor um outro mundo possível e para se construir enquanto sujeito político. A escrita, ou, em outras palavras, a fala foi, para essas autoras, a maneira de contribuir para a transformação de si em sujeito. Trazendo para a atualidade, a fala é uma estratégia de subjetivação, falar resulta em tornar-se sujeito e negar o *locus* de objeto.

As autoras acreditavam no poder transformador da linguagem e, para isso, transformaram a dor, muitas vezes, reconhecida como pertencente ao campo do privado, em energia pública. Acreditaram que o silêncio é fundamental para as práticas de dominação e a fala o meio de libertação. Seus escritos inspiram pensadoras e acadêmicas, assim como eu, ainda hoje. Hooks continua a produzir livros e outros escritos e mostra-se interessada em fazer a ponte entre o público e o privado.

Muito dos estudos sobre mulheres e ciência tecem as narrativas de intelectuais a partir da apresentação de alguns dos acontecimentos no âmbito da família – tais como: incentivos familiares, condição socioeconômica da família para o envio das mulheres para estudar em outros países, o matrimônio com colegas cientistas, entre outros – que configurariam em condições de possibilidade para a participação, o ingresso ou destaque de mulheres no campo da ciência não só no século XVII e XVIII, mas também no século XIX e ainda hoje (MELO, 2013; SANTOS, 2013; VARELA, 2013), este não foi o caso das autoras aqui investigadas.

Para Gloria Evangelina Anzaldúa e Gloria Jean Watkins, estes fatores não contribuíram para suas inserções na ciência. Oriundas de famílias pobres e sem nenhuma referência de intelectuais entre seus antepassados, as "Glorias" traçaram um caminho distinto de um destino aparente. Como antecessores elas tinham ex-escravos. Apesar de 10 anos de diferença entre o nascimento de Anzaldúa e hooks, elas parecem ter vivido intensamente a força do patriarcado impressa nos valores familiares que estabeleceram semelhanças no sentimento de que a escrita não era coisa de mulher.

Como em muitos escritos da tradição do feminismo de cor – feminismo negro, latino-americano, chicano – as análises de hooks e Anzaldúa partem de uma rememoração autobiográfica não formal ou linear. Há um forte caráter dialógico e de responsabilidade de transformação social, que estão ligadas ao abandono de valores patriarcais, individualistas, racistas, segregacionistas e pós-coloniais. Bell hooks e Gloria Anzaldúa atuaram, trabalham no campo das literaturas e

realizaram intervenções que evidenciaram as dificuldades e dilemas de intelectuais negras no campo das ciências e do movimento feminista para serem reconhecidas.

Vale ressaltar que, enquanto hooks propõe uma articulação entre gênero, raça e classe para a compreensão das desigualdades sociais, acadêmicas e políticas Anzaldúa discorre sobre uma identidade construída entre lugares de gênero e raça, nem negra, nem mulher, uma consciência mestiça, apresentando-se, assim, um distanciamento entre elas. Anzaldúa se aproxima do que hoje entendemos como *queer* e hooks de uma perspectiva interseccional. As duas vão além de uma sobreposição de categorias sociais, mas suas afirmações identitárias marcam diferenças.

No que se refere ao diálogo científico-acadêmico, hooks busca, de forma consciente, construir uma epistemologia contra-hegemônica em que a experiência ganhe centralidade no processo reflexivo, ela não descarta os conhecimentos científicos vigentes, mas a partir dele propõe outro modo de pensar. Já Anzaldúa parece romper de forma irreconciliável com uma escrita baseada no conhecimento científico moderno.

O fato de escrever ou publicizar seu pensamento, não somente através do conhecimento acadêmico, parece ser algo em comum entre as duas autoras. O que deixa transparecer que elas não só questionam legitimidade de fala no campo científico, mas também desejam falar para todos e todas.

### **E quando elas falam?: Enunciações de um campo científico injusto**

Como bem enuncia Spivak (2010) o sujeito em todas as esferas públicas sempre foi o falante, o que não está emudecido. Tantas outras autoras vão dizer que o falante foi, historicamente, o homem. Na ciência, isso não é diferente. Silenciadas, muitas mulheres, precisaram ou construir outras racionalidades para ousarem a ocupar estes espaços designados aos falantes ou falar a língua do outro. Destas, como dito anteriormente, as mulheres negras e pobres preenchem, segundo Spivak (2010) todos os requisitos para ser considerada em uma condição subalterna. Outras características, certamente, poderiam ser acrescidas a negritude e a pobreza para complexificar o olhar sobre os produtores da e na ciência: lésbicas, latino-americanas, orientais e etc.

Alguns/mas vão dizer que parece antiquado falar em subalternidade feminina na ciência aja vista o número de mulheres que tem ocupado espaços como universidades, reitorias, prateleiras inteiras de grandes livrarias. Mas o que estou tratando é da constatação das hierarquias científicas que tem originado a inferiorização de uns em detrimento a valorização de outros. Esta constatação guiou o pensamento feminista a duras críticas ao modelo científico hegemônico. As feministas questionam uma racionalidade machista a qual estava submetida à ciência e na denunciam do “*ethos*”

masculinista na ciência. Assim, as críticas feministas versam em torno da naturalização da ciência como um lugar de homens, da suposta neutralidade científica, da presença da objetividade e universalidade atribuída ao saber científico.

As duas teóricas apresentam perfis e lugares institucionais distintos, ocupam ou ocuparam lugares hierárquicos importantes nas universidades e outros espaços científicos. Além disso, trabalho com a ideia de que são intelectuais, em outras palavras, como afirma hooks (1995), em referência a Terry Eagleton, são pensadoras criativas: “não é apenas quem lida com ideias” (p.468). Nestes termos o/a “intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo. Segundo, intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla” (hooks, 1995, p.468).

Vale ressaltar que o artigo, de maneira nenhuma, tenta representar o subalterno. Pois, se o fizesse estaria cometendo o mesmo erro que muitos estudiosos das desigualdades fizeram. Ao anunciar logo do título que as mulheres pesquisadoras que me propus analisar são falantes bastava, então, pensar se suas falas ecoavam, se estas se tornavam inteligíveis e ouvidas. Sendo assim este texto não deseja dar voz as subalternas falando por elas, mas permitir espaço para que ele se expresse de forma espontânea.

Alzandúa (2000) apresenta, entre muitas, duas dimensões dos sujeitos: a orientação sexual e raça/cor. Estas são apresentadas como categorias que determinam a possibilidade ou não de inteligibilidade das suas proposições e afirma que “nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos” (ANZALDÚA, 2000, p.225). Nestes termos, nós, mulheres que falamos em línguas, línguas estas que foram tornadas ininteligíveis, não porque são incompreensíveis, mas porque deveriam, e devem ser tratadas como ausências.

hooks e Anzaldúa se posicionam do lado de pesquisadoras, cientistas e intelectuais contra-hegemônicas que denunciam suas realidades e não as que falam a língua do "colonizador", do outro.

Para superarem essas barreiras, as negras que conseguem continuar dedicadas individualmente a uma vocação intelectual, sentindo-se igualmente ligadas à comunidade, tem de mapear essas jornadas, nomeando o processo (HOOKS, 1995, p.471).

Não podemos deixar que nos rotulem. Devemos priorizar nossa própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo (ANZALDÚA, 2000, p.231).

Na escolha da denúncia hooks explicita que a ciência está ancorada em um sistema patriarcal, de supremacia masculina, onde a “vida da mente” (HOOKS, 1995, p.268) não cabe às mulheres. Nestes termos, o espaço científico é apresentado como um lugar interdito (HOOKS, 1995), uma esfera do público negada às mulheres.

hooks toca no vespeiro da legitimidade e (des)legitimidade sem encontrar uma resposta, porém, traz outros sujeitos para a discussão de legitimidade:

Para acadêmicos e/ou intelectuais negras, o estilo de escrever pode evocar questões de aliança política. Usar um estilo que possa nos fazer conquistar aceitação acadêmica e reconhecimento pode depois alienar-nos de um público leitor negro mais amplo. Mais uma vez enfrentamos, de maneira diferente, problemas de isolamento e envolvimento com a comunidade. A opção por escrever num estilo tradicional acadêmico pode levar ao isolamento. E mesmo que escrevamos pelas linhas do estilo acadêmico aceito, não há nenhuma garantia de que vão respeitar nosso trabalho (1995, p.242).

Muitas das mulheres evocadas por hooks (1995) em suas teorizações tiveram o campo científico extirpado do seu campo de possibilidade. hooks afirma que para algumas mulheres a esfera científica é ainda mais distante, já que a intelectualidade é racializada e generificada. No mesmo caminho, encontro as reflexões de Anzaldúa (2000) que apontam como o escrever é difícil especialmente para mulheres de cor, lésbicas, terceiro-mundistas. Mulheres que em toda a existência foram colocadas em outro lugar que não o da escrita e, conseqüentemente, o da ciência, da literatura, da história. Nas palavras de Anzaldúa (2000), a mulher de cor iniciante no processo de escrita “é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe” (p.229).

Ao discorrer sobre uma pergunta que tradicionalmente faz aos seus alunos e alunas: sobre quais intelectuais negros vem à cabeça de cada um e após a constatação de que os poucos que são resgatados da memória de seus alunos/as são homens e que as mulheres ficam sempre no lado mais distante da lembrança. hooks afirma que "a subordinação sexista na vida intelectual negra continua a obscurecer e desvalorizar a obra das intelectuais negras. e por isso são tão difícil aos alunos nos citarem" (1995, p.467).

hooks e Anzaldúa evidenciam seus lugares de fala e como as relações sociais são estabelecidas no espaço científico a partir destes lugares.

É improvável que tenhamos amigos nos postos da alta literatura. A mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos (ANZALDÚA, 2000, p.229).

As intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como "suspeita" (HOOKS, 1995, p.468).

Ao romper com a neutralidade na produção científica as intelectuais explicitam um modelo contra-hegemônico na produção científica. São ao mesmo tempo sujeito da enunciação e sujeitos nas enunciações. O seu lugar epistêmico étnico-racial/sexual/de gênero são explicitadas e sua produção influi e é influenciada por eles (GROSFOGUEL, 2008)

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano, optei conscientemente por tornar-me uma intelectual, pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta, encara e compreender o concreto. Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intitula não precisava levar-nos a separa-nos da comunidade, mais antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. Confirmo desde o início o que os líderes negros do século XIX bem sabiam - o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam do objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes (HOOKS, 1995, p.466).

As intelectuais falam a partir de um nós, contrariando a universalidade e neutralidade imposto na ciência hegemônica. Ao desvelar seu lugar epistêmico geopolítico e “corpo-político” das estruturas de poder/conhecimento imperialista tornam-se sujeito da pronuncia. Desfazem o mito da existência um conhecimento universal verdadeiro (GROSFOGUEL, 2008, p.46).

Certamente hooks e Anzaldúa não são alocadas no campo de estudos dos saberes subalternos. Mas é inegável que ambas cumprem um papel de abordar discussões de trazer suas contribuições para:

As discussões sobre gênero, feminismos, estudos sobre mulheres e a teoria queer, esse conjunto de enunciações teóricas que reconhecemos como sendo saberes subalternos justamente pelo enfrentamento teórico, metodológico, ético e epistemológicos que fazem aos saberes hegemônicos (PELÚCIO, p.403).

Neste caminho Anzaldúa (2000) discorre sobre o contar, contar histórias, em muito se aproxima do que os teóricos dos estudos subalternos propõem. Reescrevendo as histórias sobre si e sobre sua comunidade.

Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias (ANZALDÚA, 2000, p.232).

As autoras buscam novas/outras estratégias epistemológicas estabelecem um diálogo crítico com distintas correntes do pensamento afirm de “desvelar as redes de poder que ocultam a aparente objetividade do conhecimento científico” (PELÚCIO, 2012, p.404).

Assim como afirma Preciado em entrevista a Carillo (2010):

O acesso dos subalternos às tecnologias de produção de saber vai produzir uma ruptura epistemológica. Esta ruptura abre uma nova topografia do conhecimento, conforme havia indicado Donna Haraway, marcada pelo deslocamento da unidade de um saber hegemônico a uma multiplicidade de “saberes localizados”. O saber localizado é para Haraway a prática da objetividade subalterna frente ao saber científico e universal, portador dos valores da colonização, da heterossexualidade e do patriarcado (p. 62).

Elas falam ao mesmo tempo em que são silenciadas. Se a subalternidade é uma posição subjetiva relacional e não uma identidade. Não, um lugar estanque e sim, produzida e resultante de

relações de poder. As mulheres investigadas transitam entre o audível e o silenciável. Precisam produzir uma nova inteligibilidade, outra norma científica, uma epistemologia distinta da ciência hegemônica dominante, uma nova hegemonia. Dito isso este outro desenho possibilita que só conseguem fazer suas falas ecoarem quando falam a partir da língua do outro. Assim transitam entre o silêncio e a fala. Entre a ausência de uma produção audível e a denúncia de uma história invisível e uma ciência imperialista.

É certo que se Pierre Bourdieu (2008), em *Qué significa hablar? Economía de los intercambios lingüísticos*, vai olhar para o silêncio do dominado como uma existência possível, uma resistência, Spivak (2010) afirma, em um exercício acadêmico teórico-político, que cabe aos intelectuais denunciarem o silenciamento de uns. Em um movimento de criar espaços de enunciação destes na vida pública. Para Spivak (2010), como afirma Carvalho (2001), “a condição de subalternidade é a condição do silêncio”(p. 120).

Mesmo que alguns/mas digam que parece antiquado falar em subalternidade feminina na ciência aja vista o número de mulheres que tem ocupado espaços como universidades, reitorias, prateleiras inteiras de grandes livrarias. O que estamos tratando aqui, é, da constatação das hierarquias científicas que tem originado a inferiorização de uns/umas em detrimento a valorização de outros/outras. Esta constatação, por sua vez, guiou o pensamento feminista a duras críticas ao modelo científico hegemônico.

A teoria feminista, em sua multiplicidade, questiona uma racionalidade machista a qual estava submetida à ciência e na denúncia do “*ethos*” masculinista na ciência. Assim, as críticas feministas versam em torno da naturalização da ciência como um lugar de homens, da suposta neutralidade científica, da presença da objetividade e universalidade atribuída ao saber científico. Algumas perguntas insistem em desafiar práticas científicas contra hegemônicas no campo feminista, são elas: Como investigar/interagir com realidades invisibilizadas? Como enfrentar problemas que não são reconhecidos como problemas? Diante dos desafios trazidos/produzidos com as críticas feministas, seria reducionista pensar metodologias como simples procedimentos técnicos. O desafio é o de dialogar com sujeitos, historicamente, ‘sem voz’/subalternos e de traçar caminhos metodológicos que nos possibilitem ouvi-las, deixar suas vozes ecoarem.

As análises apontam que as teóricas estudadas buscam novas estratégias epistemológicas, estabelecem um diálogo crítico com distintas correntes do pensamento, a fim de explicitar as redes de poder que invisibilizam a aparente objetividade do conhecimento científico. Anzaldúa e hooks caminham em suas teorizações para a incorporação da dimensão da subjetividade aos pilares da produção científica. E o fazem a partir da introdução da ideia de experiência. A experiência como

fator de análise rompe com a dicotomia sujeito-objeto, questiona a neutralidade científica e clarifica a ideia de que sujeito e objeto estão diluídos um no outro.

Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranquilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos. Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências. (ANZALDÚA, 2000, p.235)

As experiências como o contrário da neutralidade constroem escritores e intelectuais que enxergam um conhecimento imbricado na transformação da sociedade e que contestam as marcas do racismo e do sexismo na ciência.

A ideia de experiência é imprescindível para a compreensão da ciência contra-hegemônica. Ela parece apresentar um ponto de partida para o desenvolvimento de novas práticas de pesquisa. Pensar uma ciência a partir da experiência permite a reinterpretação da história, de seus sujeitos.

Portanto, a experiência, nesta perspectiva, se atenta às múltiplas vozes e à diversidade de mulheres. As mulheres silenciadas e invisibilizadas, anunciadas por Spivak, Anzaldúa, hooks e por tantas outras mulheres, poderiam romper com o silêncio na ciência com a inserção da experiência como uma diretriz para a produção de conhecimento. Anzaldúa e hooks posicionam-se ao lado de um pensamento contextual e narrativo, e, com isso, mostraram como o sujeito e suas experiências distintas interferem significativamente na produção do conhecimento e no seu *locus* enunciativo (FURLIN, 2012).

A pergunta de Spivak “pode o subalterno falar?”, manteve-se durante todo o processo de escrita. Buscamos possíveis respostas e para isso propusemos um diálogo com Anzaldúa e hooks. Mas a pergunta se mantém em nossa mente, “podemos falar?”. Estar com esta questão em mente, nos deixa atentas aos processos de subalternização, mantendo-me em constante movimento de resistência. Sem escapar de uma resposta a Spivak (2010) sobre a fala subalterna, acreditamos que Anzaldúa e hooks falam ao mesmo tempo em que são silenciadas. Compreendemos a subalternidade como uma posição subjetiva relacional e não uma identidade, ou um lugar estanque e sim, produzida e resultante de relações de poder, as mulheres investigadas transitam entre o audível e o silenciável. Assim, transitam entre o silêncio e a fala, entre a ausência de uma produção audível e a denúncia de uma história invisível e uma ciência imperialista.

Dessa forma, este outro desenho demonstra que as subalternas só conseguem fazer suas falas ecoarem quando falam a partir da língua do outro. As mulheres, que até agora haviam sido produzidas como objetos do saber, reclamam a produção de um saber local, um saber sobre si mesmas, um saber que questione o saber hegemônico. Assim, elas transitam entre o silêncio e a fala, entre a ausência de uma produção audível e a denúncia de uma história invisível numa ciência imperialista.

**Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Sandra. R. G. Prefácio: apresentando Spivak. In: Spivak, Gayatri C. (2010). **Pode o Subalterno Falar?** (S. R. G. Almeida; Feitosa, M. P. F & A. P. Feitosa, trads.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ANZALDÚA, Gloria Evangelina. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDÚA, G. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza /Rumo a uma nova consciência. **Estudos Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 13, v.3: 320, pp.704-719, 2005.

BEVERVELEY, John. La persistência del subalterno. **Revista Iberoamericana**, Vol. LXIX, Núm. 203, Abril-Junio, p. 335-342, 2003.

CALVELLI, Haudrey Germiniani; LOPES, Maria de Fátima. A teoria do conhecimento e a epistemologia feminista. **Livro de Anais do Congresso Scientiarum Historia IV**, pp. 347-353, 2011.

CARILLO, Jesus. Entrevista com Beatriz Preciado. **Revista Poiésis**, n. 15, p. 47-71, jul, 2010.

CARVALHO, José Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, jul. 2001.

CLÍMACO, Danilo de Assis. *Tráfico de mulheres, negócios de homens, leituras feministas e anti-coloniais sobre os homens, as masculinidades e o masculino*. **Dissertação de Mestrado**. Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

COSTA, Claudia de Lima. In memoriam: Gloria Evangelina Anzaldúa. **Estudos Feministas, Florianópolis**, 12(1): 360, p.13-14, 2004. Recuperado em 07 de dezembro de 2020: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21690.pdf>

COSTA, Claudia de Lima & ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3), 691-703, 2005.

DAHMS, Elizabeth Anne. The life and work of Gloria Anzaldúa: an intellectual biography. **Tese de doutorado**. Programa de Pós-Graduação Estudos espanicos. Universidade, 2012. Recuperado em 11 de janeiro de 2021, de <http://uknowledge.uky.edu/hisp>

DEWULF, Jeroen. "Por vezes nunca dantes ouvidas": a viragem pós-colonial nas ciências humanas. Em: Amaral, Ana Luísa; Cunha, Gualter (org). **Estudos em Homenagem a Margarida Losa**. Porto (Pt): Faculdade de Letras do Porto, 2006.

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. Estudos Subalternos: Uma Introdução. **Raído**, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 83-92, jan./ jun. 2010.

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. O direito ao grito: a hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector. **Dissertação (Mestrado)**. Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS, 2009.

FURLIN, Neiva. A categoria de experiência na teoria feminista. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(3), 955-972, 2012.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v. 3 n.2, pp. 464-478, 1995.

MELO, Diogo Jorge de.. Carlotta Joaquina Maury e o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil. In: **Anais do Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, 2013. Recuperado em 22 de dezembro de 2020.

[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=51](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/simposio/view?ID_SIMPOSIO=51)

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, pp. 395-418, 2012.

PIERRE, Bourdieu. **¿Que significa hablar?** Economía de los intercambios lingüísticos. Akal S.A. Madrid, 2008.

REES, Dilys Karen & PINTO, Joana Plaza. Entre-lugares e identidades monolíticas: leituras múltiplas de Anzaldúa em sala de aula. **Cadernos de linguagem e sociedade**, 12(1), 30-55, 2012.

REUMAN, Ann E. & ANZALDÚA, Gloria E. Coming into Play: An Interview with Gloria Anzaldúa. **MELUS**, 25(2), 3-45, 2000.

SANTOS, Vivian Matias dos. Sobre mulheres, laboratórios e fazeres científicos na Terra da Luz. In: **Anais do Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Foreword: Upon Reading the Companion to Postcolonial Studies. Em: Schwarz, Henry; Ray, Sangeeta (eds). **A Companion to Postcolonial Studies**. Oxford: Blackwell, p. xv-xxii, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2010.

Varela, Alex Gonçalves. Gênero e trajetória científica: as atividades da cientista Marta Vannucci no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (1946-1969). 2013. In: **Anais do**

**Fazendo Gênero 10**, Florianópolis. Recuperado em 10 de outubro de 2020, de [http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=51](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/simposio/view?ID_SIMPOSIO=51)

VERÇOZA, L. V. Sobre a possibilidade ou impossibilidade de fala do subalterno e o papel do intelectual: notas acerca da reflexão de Spivak. Em: **Anais do III Seminário do PPGS UFSCar**. Sociologia em movimento: novos olhares, novas perspectivas, São Carlos, SP, 2012.